

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcelo Caputo Vilhena Toti

A INCOMPLETUDE HUMANA RELACIONA À CONTEMPORANEIDADE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Luciano Donizetti da Silva.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Marcelo Caputo Vilhena Toti, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772143A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A INCOMPLETUDE HUMANA RELACIONADA À CONTEMPORANEIDADE**, desenvolvido durante o período de 05/08/2019 a 27/11/2019 sob a orientação de Luciano Donizetti da Silva, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcelo Caputo Vilhena Toti

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A INCOMPLETUDE HUMANA RELACIONADA À CONTEMPORANEIDADE

Marcelo Caputo Vilhena Toti¹

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma reflexão acerca da condição de existência do ser humano, relacionando com os dias atuais e as relações sociais contemporâneas. O artigo começa, através da filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, uma exposição das condições de existência humana. De acordo com o existencialismo, o homem é livre, responsável por seus atos, angustiado diante dessa responsabilidade e em um processo permanente de construção, corroborando para o vazio existencial, sendo presente no homem em toda sua vida. Prossegue abordando condições que imprimem a incompletude ao ser humano, em que elucida o vazio existencial do homem. Conclui, de acordo com a obra *Modernidade e Identidade* de Anthony Giddens e *Modernidade Líquida* de Zygmunt Bauman procurando entender como se dá a relação do homem com a sociedade na contemporaneidade, no qual fomenta cada vez mais o individualismo e uma liquidez nas relações humanas contemporâneas, trazendo a partir da filosofia de Sartre uma reflexão para pensar a atualidade numa sociedade onde o ser humano se sente cada vez mais não pertencente, agravando a sensação de vazio.

PALAVRAS-CHAVE: Existência. Incompletude. Contemporaneidade. Individualismo.

1. INTRODUÇÃO

O artigo pretende trazer uma reflexão a respeito da condição de existência humana buscando compreender como é a relação do ser humano consigo mesmo, com o espaço inserido e com outros seres. Ao longo do desenvolvimento o trabalho tem como objetivo explicar, consecutivamente, através das obras, *O Existencialismo é um Humanismo* e *O Ser e o nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, de Jean Paul Sartre, a relação entre a essência e existência do homem e os demais seres, a liberdade que se coloca como condição de existência para o ser humano, a responsabilidade que é posta a partir da consciência que o homem tem para agir diante pluralidade de escolhas se tornando responsável por sua ação, a angústia decorrente da responsabilidade que o homem tem na medida em que não escolhe apenas por si, mas na sua escolha está definição do modelo de ser humano que julga ser o correto. Sartre afirma que o ser humano antes da sua existência é nada sendo um processo de construção ao longo de sua vida, sendo diferentemente dos objetos e animais, um ser que é, após ser lançado no mundo, capaz de ter consciência de si mesmo, através da sua racionalidade, onde se questiona sobre si, a sociedade que está inserido, seus valores, sua finitude, em que não é possível encontrar todas as respostas colocando assim um vazio existencial, uma incompletude em que o homem ao longo de sua existência tenta suprir esse vazio, essa falta que não pode ser preenchida, dentro da sociedade com as construções sociais impostas.

Por meio do livro *Modernidade e Identidade* de Anthony Giddens, o artigo visa compreender esse vazio existencial em choque com a sociedade nos dias contemporâneos, ou como diria Giddens, modernidade tardia, em que proporciona ao ser humano, cada vez mais, uma falta de sentido, em que não há mais uma ordem dita como tradicional. Com a dinâmica de uma sociedade que imprime um ritmo acelerado e uma sequência de atividade continuadas, o indivíduo passa a não valorizar questões que são importantes no seu processo de autoconhecimento e construção tornando-se cada vez mais alienado sobre as relações com a sociedade e a relação consigo mesmo, fomentando assim o vazio existencial. Através de Zygmunt Bauman, por intermédio de sua obra *Modernidade Líquida*, tem como

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: toticaputo@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luciano Donizetti da Silva.

objetivo analisar as relações humanas contemporâneas, avaliando o impacto da tecnologia com a forma que nos relacionamos com o outro e com nós mesmos.

O artigo conclui, a partir da filosofia de Sartre, trazendo reflexões de como o existencialismo poderia contribuir para a sociedade atual, em que a flexibilidade é o que rege o novo tempo, ocasionando um enfraquecimento do conceito de comunidade, em que a noção de “nós” desaparece contribuindo para a noção do “eu”, intensificando mais o sentimento de solidão do indivíduo e contribuindo para uma maior individualização do mundo, em que o sujeito agora se encontra “livre”, em certos pontos, para ser o que conseguir ser mediante suas próprias forças.

2. DESENVOLVIMENTO

O ser humano é o único ser capaz de raciocinar no mundo e ter consciência de si mesmo, tornando-o um ser particular na natureza. É o único animal capacitado de se questionar sobre sua origem, o modo de funcionamento da sociedade que está inserido, seus costumes, valores e até sua função decorrente da sua existência, ou seja, sua razão de existir, se existir alguma. Com isso, diferentemente dos outros seres vivos, o homem tem a capacidade de agir não só de um modo instintivo, podendo tomar decisões baseadas na sua experiência em consonância com a habilidade de refletir e indagar sobre os acontecimentos ao seu redor, gerando uma subjetividade, na qual cada ser humano, através da maneira com que foi criado e valores passados por gerações passadas, possuem uma intencionalidade e interpretação do mundo única, em que biologicamente a espécie humana é muito semelhante, tal quais os demais animais, porém a maneira de compreender e se definir no mundo ocorrem de maneira bastante particular entre cada ser humano, permitindo assim a possibilidade de se definir de maneira diversa, ao contrário dos demais seres vivos.

Jean Paul Sartre foi um filósofo, escritor e crítico francês, que a partir dos seus estudos e das influências do alemão Martin Heidegger, busca explicar como ocorre o processo e as condições da existência humana. Segundo Sartre, “o existencialismo é uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 1987, pag.05). Na natureza, de acordo com as formas de consciência, é possível determinar dois seres: o ser-em-si e o ser-para-si, conforme definiu Sartre, o primeiro corresponde às coisas que se afirma numa identidade fixa e pronta de si, se autodeterminando como uma essência definida. O segundo, ser-para-si, se refere a uma consciência que ao encontrar com o mundo faz com que o em-si se desvele, ou seja, revela nos objetos o seu não ser. O para-si não encontra uma semelhança com o em-si, em que o para-si sente uma carência, uma incompletude, pois o em-si ele é, sem capacidade de transformação de sua essência posteriormente que existe, o para-si busca ser-em-si-para-si visando coincidir consigo. Ao analisarmos um objeto, ser-em-si, observa-se que este em toda sua linha de produção já tem um sentido para ele, ou seja, sua função nesse mundo. Uma bola, por exemplo, já tem o seu objetivo, sua função, pré-determinada, a priori, mesmo antes de se concretizar como produto acabado, sendo a sua essência precedendo a sua existência, de acordo com Sartre. O processo de transformação de uma matéria prima em qualquer produto industrializado é uma produção que o meio como é feito é norteador por um sentido que é dado pelo ser humano, ou seja, a bola exposta anteriormente poderia proporcionar certo sentido há algum animal irracional, como um cachorro, mas este não seria capaz de entender um esporte e nem mesmo que aquele objeto, na qual o distrai, é uma bola com uma função específica na sociedade humana. Em outras palavras, toda a construção de como a espécie humana funciona e os processos de socialização de um indivíduo ao ser situado por uma coerção social dentro da sociedade são construções sociais que só ganham sentido a partir da subjetividade humana, em que por isso o homem tem a possibilidade, e a condenação, de se construir ao longo de sua existência, sendo o único ser capaz de ter consciência sobre essas construções sociais e que como o próprio indivíduo vai se relacionar com essa sociedade que antes da sua existência já é concebida.

Ao conceber um Deus criador, a essência do homem iria ser definida antes da sua existência, em que seria definida sua função exatamente como uma bola, de acordo com os planos de Deus.

(...), esse Deus é identificado, na maioria das vezes, a um artesão superior; e qualquer que seja a doutrina que consideremos, quer se trate de uma doutrina como a de Descartes, quer se trate de uma doutrina como a de Leibniz, nós admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, pelo menos, o acompanha, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que cria. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do artesão; e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artesão fabrica um corta papel segundo uma definição e uma técnica. Assim, o homem individual realiza certo conceito que está no entendimento divino. (SARTRE, 1987, pág.09).

O existencialismo ateu, na qual Sartre afirma ser o mais coerente, declara que se Deus não existe, há, pelo menos, um ser que tem a capacidade de se definir posteriormente ao seu nascimento, que é o ser humano. O homem não é passível de definição porque não é nada, sendo construído a partir do que ele fizer de si mesmo. O homem é o único ser capaz de refletir sobre suas ações e ter consciência da sua finitude decidindo o que farão em sua existência, tendo capacidade de se projetar no futuro subjetivamente, sendo responsável pelo que ele é. Ao afirmar a inexistência de Deus acaba deixando o homem sozinho, sem determinismos e valores ou ordens que possa legitimar sua conduta, o indivíduo nasce sem um “manual de instruções” e sem desculpas, sendo condenado a liberdade. Em suma, diferentemente dos objetos e outros animais, como explica o Sartre, o ser humano primeiro existe, encontra a si mesmo, se identificando como ser racional, surge no mundo e posteriormente se define.

(...) o homem primeiro existe, isto é, que ele é de início aquele que se lança para um porvir, e que é consciente de se lançar no porvir. O homem é de início um projeto que se vive subjetivamente, ao invés de ser um musgo, uma podridão, uma couve-flor; nada existe antes desse projeto; nada está no céu inteligível, e o homem será aquilo que ele tiver projetado ser. Não o que ele quiser ser. Pois o que entendemos vulgarmente por querer é uma decisão consciente e que é para a maior parte de nós posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. (SARTRE, 1987, pag.11).

Essa capacidade do ser humano de se definir depois da sua existência, possibilitando assim o mesmo homem mudar de cultura, valores, crenças ao longo de sua vida, a partir das suas experiências e sua forma de interpretar o mundo, imprime o ser humano a condição de liberdade, pois na medida em que o ser humano age subjetivamente, através da sua autoconsciência, é necessário exercer a liberdade como única maneira de realizar seu desenvolvimento e de mostrar sua posição dentro do mundo.

A liberdade não é escolha para o homem, pois uma vez que surge no mundo é livre e responsável por suas escolhas, sem ter opção sobre sua própria criação. Todo o animal, de acordo com sua espécie, possui uma natureza biológica extremamente semelhante, de acordo com as funções que elas desempenham. Com exceção do ser humano, os demais animais não têm possibilidade de se definir, posteriormente o que existe, age por instinto e sem a capacidade de reflexões sobre como é sua relação com a natureza, com seu corpo e até a consciência de sua finitude. Uma abelha, por exemplo, mesmo sendo um inseto social, no qual os indivíduos da espécie vivem juntos em colmeias em que tem divisões de tarefas dentro dela, não existe a possibilidade da escolha, pois este ser não tem autoconsciência, não permitindo a possibilidade do raciocínio, indagação que geraria uma subjetividade sobre suas relações e funções. Assim, o homem interpreta e escolhe suas ações no mundo subjetivamente, sem nenhum amparo determinista, estando condenado a se inventar a cada momento. Quando um ser humano chega ao mundo através do seu nascimento e toma consciência de si e do funcionamento da sociedade que está inserido é uma livre escolha do ser, permeada por uma coerção social, quais são os valores, costumes, crenças que este indivíduo irá seguir, no qual não

importa em que situação a pessoa se encontra, mas verdadeiramente como o próprio indivíduo resolve lidar, sendo definida através dos seus atos e escolhas. Sartre expõe, “o primeiro passo do existencialismo é colocar todo homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência.” (SARTRE, 1987, pág.11) O ser humano é fruto da sua liberdade, pois se faz a partir das ações que decide praticar, sendo a liberdade uma condição para a existência humana.

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade (...). Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1997, pág.542).

Através da consciência humana, o homem age intencionalmente, na medida em que a sua definição é fruto das ações que o indivíduo decide tomar, em que não é possível optar pela não escolha, pois deixar de agir ou deixar que outra pessoa escolha em seu lugar, é escolher. A liberdade humana presumindo a responsabilidade esbarra num determinismo que conduzirá as próprias escolhas, em que decide justificar suas atitudes em fatores externos numa tentativa de isentar a responsabilidade, o que segundo Sartre seria uma atitude de má-fé, ou seja, uma atitude que o próprio indivíduo toma conscientemente, sendo uma auto ilusão, na qual o indivíduo procura ocultar de si mesmo uma crença particular sobre sua liberdade. Esta atitude condiciona a um modo de vida, como se estivesse preso a ele, para justificar suas atitudes (ou a falta delas) com esse argumento, sabendo que não esta de acordo com a verdade, visando assim, aliviar a angustia que é ser livre em ao contrário da autenticidade, vista como uma virtude por esse filósofo. Na obra “*Ser e o Nada*”, Sartre afirma que a consciência é consciência de si mesma, na qual a atitude de má-fé não poderia ser uma ação do inconsciente em que a pessoa não estaria consciente de sua escolha e suas consequências, isto é, a má-fé é um ato que o próprio indivíduo toma contra si mesmo, não comporta a dualidade do enganador e do enganado, pois aqui, aquele que é enganado é também consciente da verdade que deseja suprimir, colocando toda a responsabilidade no autor da ação.(SARTRE, 1997, pág.92) De acordo com o preceito básico do existencialismo, a existência precede a essência, o homem nasce em uma sociedade já concebida com suas culturas, crenças e valores formados e que coercivamente determinam as possibilidades de escolha, entretanto, cabe ao homem escolher qual caminho seguir, não havendo escapatória para o homem que não seja assumir suas escolhas.

Um indivíduo ao escolher está, inevitavelmente, criando um modelo de homem tal como julga que ele deve ser.

Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão ao invés de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é no fundo a solução que convém ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, eu não estou engajando apenas a mim mesmo: eu quero ser resignado por todos, por consequência minha decisão engaja toda a humanidade. E se eu quiser, fato mais individual ainda, casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com ele eu engajo não apenas a mim mesmo, mas toda a humanidade no caminho da monogamia. Assim, eu sou responsável por mim mesmo e por todos, e eu crio uma certa imagem do homem que eu escolhi; escolhendo-me, eu escolho o homem. (SARTRE, 1987, pág.13)

A partir da nossa escolha estamos dando valor àquilo que julgamos ser o ideal, no qual nossa responsabilidade não é apenas individual por si próprio, pois através das nossas escolhas estão os valores que estamos colocando como modelo a ser seguido por toda a sociedade. Sartre expõe na

obra, *“Existencialismo é um humanismo”*, dois sentidos para a palavra subjetivismo, mostrando que, “(...) subjetivismo quer dizer, por um lado, escolha do sujeito individual por si mesmo, e, por outro, impossibilidade para o homem de ultrapassar a subjetividade humana.” (SARTRE, 1987, pág11/12.) A subjetividade de cada indivíduo se dá através das experiências adquiridas ao longo de sua existência, se fazendo de maneira particular no mais íntimo do indivíduo, sendo inevitável agir subjetivamente, pois em cada escolha o indivíduo tem consciência de que qual escolha seria correspondente aos seus valores e o que ele julga ser o ideal, colocando o ser humano a todo o momento em uma condição que mostre sua intencionalidade por meio de suas escolhas no dia a dia. Cada indivíduo interpreta o mundo de uma maneira única, de acordo com a coerção social da sociedade que está inserido, baseando-se nas suas experiências e intuição, sendo cada consciência uma particularidade da natureza, em que cada indivíduo é responsável por sua maneira de agir, pois nenhum outro ser é capaz de escolher por outro. Ao Sartre afirmar que “nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos”, ele quer dizer que, o homem no ato de escolher, dentro das alternativas possíveis, está optando pela opção que julga ser a mais vantajosa para todos que a escolherem, e que ao escolher o homem cria o modelo que em sua visão seria o ideal. O existencialismo é uma filosofia que dá muito valor a ação, na medida em que é através dela que o ser humano se define no mundo. Se um indivíduo chega à conclusão que é melhor parar de fumar, pois está prejudicando a saúde dele, de nada adianta ele ter consciência disso e não agir. Para Sartre se a intencionalidade é uma característica fundamental para a existência, engajar-se é um ato de liberdade, mesmo que com isso inevitavelmente ao engajar-se, o ser se responsabiliza. Com isso, o homem ao existir em condição de liberdade, está condenado também à condição de responsabilidade diante de seus atos. O ser humano no momento de decisão se depara com uma angústia existencial advinda da sua liberdade, pois o ser não é capaz de alterar a condição de sua existência tendo que escolher, podendo ter nenhuma opção que deseje, é obrigado a arcar com sua escolha, sendo não capaz de não realizar uma escolha, com os princípios que vão reger essa escolha proveniente da subjetividade do próprio sujeito. Com toda essa responsabilidade que o homem não apenas escolhe ser, mas também escolhe simultaneamente escolhe o modelo de ser humano, a angústia revela sua liberdade, em que o homem percebe-se obrigado a escolher. A partir do momento que nascemos, encontramos um mundo que é externo a nós sem nenhum sentido a priori, no qual o indivíduo que vai escolher qual sentido vai trilhar sua existência. Somos condenados à liberdade, sendo cada vez mais consciente sobre a responsabilidade de nossos atos, acarretando em uma angústia existencial.

A angústia vem como toda decisão tomada, sendo ela própria precursora da ação, pois através da angústia pressupõe que o homem encare a pluralidade das opções e ao escolher um caminho está afirmando seu valor e o que julga ideal.

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Isto significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele é não apenas aquele que ele escolheu ser, mas ainda um legislador que escolhe, ao mesmo tempo em que ele mesmo, toda a humanidade, não poderia escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 1987, pág.13).

A angústia é resultado da necessidade ontológica do homem de escolher-se no mundo pois, segundo o existencialismo, toda escolha tem uma pluralidade de possibilidades, e o homem ao escolher está intencionalmente definindo o valor que o mesmo julga ser o correto, no qual esses próprios valores, aceitando a inexistência de Deus, são sem determinismos, deixando o ser humano desamparado, sendo o próprio indivíduo responsável por estabelecer os valores e condutas que devem ser seguidos. Em toda escolha o indivíduo está se construindo e definindo seus valores no mundo, mesmo que busque outras pessoas para tomar uma decisão.

Por outras palavras, buscar o conselheiro é ainda engajar-se a si mesmo. A prova é que, se você é cristão, você dirá: consulte um padre. Mas há padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E se o rapaz escolher um padre resistente, ou um padre colaboracionista, ele já decidiu o tipo de conselho que vai receber. (SARTRE, 1987, pág.23).

O olhar do outro é algo que possui enorme influência sobre o homem. No livro “O Ser e o Nada”, Sartre introduz a terceira parte expondo essa relação direta que o outro produz no ser, dizendo:

O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro. (SARTRE, 1997, pág.289).

Diferentemente da relação que um ser humano tem com um objeto, o encontro com outra pessoa, através do olhar primeiramente, provoca no indivíduo a consciência de si próprio. Sartre afirma, é no encontro entre os seres que ocorre a identidade e o sentido do ser, sendo a consciência de cada indivíduo particular, a partir do olhar do outro que o ser revela a autenticidade sobre sua imagem e afirmação de sua existência. O olhar do outro coloca o ser para-si como objeto acarretando em uma reflexão do indivíduo observado sobre sua própria identidade, no qual Sartre declara que somos situados no mundo pelo outro. Através dessa relação entre consciências é que acarreta que a escolha de uma ação seja o modelo para o homem, pois sendo a consciência livre para escolher e a escolha implicando em algum determinado valor, o valor deve ser comum a todos os homens, como diria Sartre, “eu sou responsável por mim mesmo e por todos, e eu crio uma certa imagem do homem que eu escolhi; escolhendo-me, eu escolho o homem.”(SARTRE, 1987, pág.13) Dessa forma, o outro é um espelho do indivíduo, em que determina se vai ou não fazer a mesma escolha. Na peça de teatro denominada “Entre quatro paredes”, Sartre elucida essa relação entre o para-si e o para-outro, mostrando que o outro revela o indivíduo o seu ser, mas não afirma a consciência que ele tem consigo mesmo, objetivando-o. Essa relação com o outro que coloca o indivíduo como objeto ocasiona uma disputa, em que no conflito da intersubjetividade uma liberdade sempre tenta sobrepor-se à outra. A expressão “o inferno são os outros”, fala feita por um dos personagens no decorrer da peça, mostra que o outro é um mediador do meu ser, que de maneira subjetiva revela o que sou e não estando em minhas expectativas tornasse meu carrasco.

Assim, o ser humano se mostra incompleto desde sua origem, no qual este está em um constante processo de construção ao longo de sua vida, colocando-se consciente das possibilidades de escolha, o ser-para-si, através de sua intencionalidade, encontra-se em condição de liberdade tendo que escolher de acordo com seus valores, mesmo que permeado por uma coerção social, assumindo a responsabilidade por sua escolha, que por consequência coloca o indivíduo constantemente face a face com a angustia. A incompletude humana se dá no surgimento do ser, que antes não é nada, uma folha em branco, no qual o indivíduo passa toda sua existência em um processo permanente de construção, em que até em seu último momento em vida, em sua última escolha, o ser humano pode se definir. O homem é incompleto pela simples razão de não ser, sendo o que ele tiver construído ao longo de sua vida por meio de suas escolhas.

O nada é o ato pelo qual o ser coloca em questão seu ser, ou seja, precisamente a consciência ou Para-si. É um acontecimento absoluto que vem ao ser pelo ser e que, sem ter ser, é perpetuamente sustentado pelo ser. Estando o ser-em-si isolado de seu ser por sua total positividade, nenhum ser pode produzir ser e nada pode chegar ao ser pelo ser, salvo o nada. O nada é a possibilidade própria do ser e sua única possibilidade. E mesmo esta possibilidade original só aparece no ato absoluto que a realiza. O nada, sendo nada de ser,

só pode vir ao ser pelo próprio ser. Sem dúvida, vem ao ser por um ser singular, que é a realidade humana. Mas este ser se constitui como realidade humana na medida em que não passa do projeto original de seu próprio nada. A realidade humana é o ser, enquanto, no seu ser e por seu ser, fundamento único do nada no coração do ser. (SARTRE, 1997, pág.127).

Segundo o existencialismo, o ser-para-si, com essa capacidade de indagação sobre si próprio torna-se seu próprio fundamento, no qual a incompletude estará sempre presente, pois o ser humano é uma projeção que cabe a cada indivíduo construir e realizar por meio de seus atos em vida. O ser-para-si se perguntando sobre si próprio não encontra respostas, sendo sua definição feita a partir do que ele tiver feito em sua existência, sentindo com isso uma falta, um vazio, uma incompletude. O ser-em-si não questiona seu ser, não podendo sentir a ausência de algo que não se preocupa. Em suma, o ser-em-si é não se indagando sobre sua razão de ser, o para-si não é buscando uma razão para ser.

Anthony Giddens visa refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos procurando analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida de cada ser humano. Na sua obra, *Modernidade e identidade*, o autor analisa a mudança na concepção de identidade a partir do rompimento com uma ordem dita como tradicional. Segundo Giddens, a sociedade vive um processo de modernidade tardia ou de alta modernidade, em razão da pluralidade de significados que podem ser atribuídos à modernidade, ele a classifica como “instituições e modos de comportamento estabelecidos depois do feudalismo na Europa e que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto” (GIDDENS, 2002, pág.17). Giddens busca examinar as consequências da nova dinâmica das instituições na modernidade e sua influência na vida das pessoas, em que provoca transformações nos mecanismos de auto identidade dos indivíduos. Para ele, não há uma ruptura completa com as tradições e instituições da modernidade, mas sim um maior dinamismo e profundidade que afetam práticas sociais e modos de comportamento em uma escala global. A separação de espaço e tempo, os mecanismos de desengajamento e a reflexividade institucional são apresentados como características elementares do dinamismo da modernidade, em que os impactos desses elementos na vida cotidiana dos indivíduos, que são inevitáveis, nos encerram num mundo de dúvida radical e múltiplas fontes de autoridade. A construção do eu e da identidade é feita de forma reflexiva, no qual os indivíduos tem consciência do que estão fazendo e a razão da sua ação, mas dentro de uma pluralidade de opções e de possibilidades de agir. Ao se deparar com esta alta modernidade, tendo os regimes não mais centrados na tradição, o indivíduo se sente perdido e suscetível à necessidade de velocidade imposta pelo ritmo de vida contemporâneo fomentando uma ansiedade existencial, que conseqüentemente acarreta no desenvolvimento de distúrbios psicossomáticos, no qual se encontra cada vez presente na sociedade contemporânea. Hodiernamente o ser humano vive em uma sociedade onde os resultados são constantemente cobrados causando no homem uma ânsia de ser, em que por meio de acordos sociais, institucionalizados, o indivíduo passa a ter que mostrar seu potencial, no qual a sociedade, através de indicadores de sucesso, está incessantemente exigindo. Nessa sociedade que demanda cada vez mais um ritmo acelerado e uma sequência de atividades continuadas o indivíduo acaba não pensando em questões que são primordiais em um processo de construção de identidade, tais como: “Quem sou eu?”; “Porque vivo dessa maneira?”; “Qual é o sentido da minha vida?”; “O que eu realmente desejo?”, no qual o homem parece estar cada vez mais alienado e passível para discursos fundamentalistas. O indivíduo é visto como o principal responsável pela construção do eu a partir da reflexividade que permeia o desenvolvimento e as trajetórias de cada indivíduo, para o autor, “a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas” (GIDDENS, 2002,pág.79), sendo essas escolhas sujeitas a mudanças, dada a natureza mutável da auto identidade e da diversidade de interações e papéis que os sujeitos exercem nas mais diferentes situações de interação social. Esse processo, além de provocar ansiedade e necessidade constante de adaptação, provoca também um esvaziamento, uma falta de sentido pessoal, em que alguns indivíduos, diante da incerteza e da dúvida constante, optam por serem

submissos a uma autoridade dogmática ou à imobilização. Em um mundo globalizado as decisões de vida pessoal acarretam um impacto profundo nas esferas coletivas, em que a política surge no contexto da modernidade tardia no qual as demandas dos movimentos sociais como o feminismo, a religiosidade, questão ambiental, recolocam dilemas na agenda política. Com o desenvolvimento tecnológico algumas questões, como o armamento nuclear, acabam até ameaçando a vida da espécie humana como um todo, colocando assim as decisões individuais tendo um enorme peso nas esferas institucionais, em que essas questões, ao mesmo tempo, só ganham importância através da capacidade reflexiva do eu, em que o particular se envolve com o todo. Giddens no final de sua obra explora os desafios da modernidade tardia em que é cada vez mais difícil a busca de um consenso sobre os princípios éticos e morais numa sociedade cada vez mais individualista e excludente, em que deve ocorrer uma conciliação entre as escolhas individuais com um futuro que é comum a todos. Na modernidade tardia o homem recebe um enorme fluxo de informação através da mídia provocando no indivíduo uma angústia decorrente da constante incerteza. A globalização promove uma exacerbada quantidade de troca de informações entre os países e pessoas, mas sem se preocupar com o impacto social que isso acarreta. Com o avanço da indústria do entretenimento, o ser humano nunca esteve tão “atarefado”, em que tem uma diversa quantidade de possibilidades para distraí-lo e acaba mudando sua relação com o tempo e até a concentração para a realização de alguma tarefa, querendo fazer tudo ao mesmo tempo.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, foi muito importante para a compreensão de como se dá às relações sociais na sociedade contemporânea, visando refletir sobre a angústia proporcionada pelos sentimentos humanos. A globalização, aliada ao desenvolvimento tecnológico, proporcionou ao mundo uma troca de informações que mudaram, de certa maneira, o modo de vida dos seres humanos. O indivíduo nunca esteve tão conectado, ao ponto que com menos de um minuto é possível se comunicar com qualquer pessoa do mundo, onde tudo ocorre com intensa velocidade impactando a maneira com que as pessoas se relacionam. Para Bauman, a “modernidade tardia” seria o momento histórico que é presente hodiernamente, em que a sociedade está em constante mudança e incerteza. Antes da modernidade líquida, de acordo com Bauman, a modernidade sólida tem como característica a sensação de segurança, em que os valores se transformam em ritmo lento e mais previsível. A sociedade possuía uma ideia de comunidade, uma noção de durabilidade e sensação de segurança com firmeza das estruturas sociais. A partir da segunda metade do século XX a globalização e o surgimento de novas tecnologias, segundo Bauman, contribuíram para a perda da ideia de controle sobre os processos do mundo, trazendo incertezas quanto a nossa capacidade de nos adequar os novos padrões sociais, que se liquefazem constantemente. Nessa mudança de aspectos importantes dentro da sociedade, Bauman metaforicamente associa com o líquido, pois sua configuração permanece em contínua transformação, instável, em que ele afirma:

“Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. (...) Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam” (...) Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase (...) na história da modernidade. (BAUMAN, 2001, prefácio)

Desse modo, nessa passagem do mundo sólido para o líquido ocorre a substituição da ideia de coletividade pelo individualismo, em que as relações afetivas se dão por meio de laços momentâneos se tornando superficiais e com pouca estabilidade, na qual Bauman afirma ser o amor líquido. Em vez de uma sociedade que de valor ao contato próximo e pessoal, privilegiam-se as relações interpessoais que podem ser desfeitas a qualquer momento. Nesse mundo líquido Bauman evidencia a liquefação das formas sociais, como por exemplo, o trabalho, a família, o amor e a própria identidade do indivíduo, gerando uma angústia constante com a incerteza de um mundo que muda constantemente. Assim

como Anthony Giddens, de acordo com Bauman não há pós-modernidade no sentido de ruptura, mas sim uma continuação da modernidade com uma lógica diferente, em que a fixidez da época anterior é substituída pela volatilidade, sob o domínio do imediato, do individualismo e do consumo. Na modernidade líquida, o indivíduo é que moldará a sociedade à sua personalidade, não existindo os parâmetros da modernidade sólida, o indivíduo será definido pelo seu estilo de vida, por aquilo que ele consome e o modo que consome. O homem passa a ser ativo nessa sociedade contemporânea, permitindo que o indivíduo haja conforme seus desejos e pensamentos, em que possui muito mais fluidez, diferentemente da sociedade tradicional. Com essa lógica de uma sociedade de consumo acaba gerando uma mudança na identidade do homem, em que há uma quebra de velhos preceitos, tradições, sendo um processo que parte da privacidade e individualidade de cada um, onde as escolhas são solitárias, em que o indivíduo se encontra sozinho e responsável por suas ações, não sendo valorizados os aspectos da solidariedade, fomentando cada vez mais o individualismo na sociedade contemporânea.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao que foi exposto é possível afirmar que a incompletude é algo inevitável para o ser humano. O homem nasce como uma folha de papel em branco em que através de suas experiências empíricas é que o ser vai tomando consciência e aprendendo sobre a sociedade que está introduzido, sendo algo permanente, pois, na medida que vai aprendendo alguma coisa surge novos porquês, tornando assim um processo de aprendizado permanente. A globalização aliada aos avanços tecnológicos impactaram fortemente as relações dentro da sociedade em níveis micro tanto quanto macro, em que não há mais uma ordem tradicional posta colocando assim os indivíduos como moldadores de estilos de vida através do seu consumo, passando assim por uma lógica que coloca cada vez mais o indivíduo ativo e individualista. Por consequência nunca estivemos tão conectados, na medida em que posso ter contato com qualquer pessoa do mundo, e ao mesmo tempo se sentindo solitário, em que o consumo de antidepressivos nunca foi tão grande, no qual muitos indivíduos deixam de ver sentido em suas vidas. Em uma sociedade que dá valor a quantidade de "likes", no qual esse indivíduo consumista assume características líquidas buscando preencher um vazio por meio do consumo, é necessário estudar e discutir o impacto que o desenvolvimento tecnológico tem propiciado as relações humanas, visando entender a nossa relação com esse mundo conectado e como isso impacta na vida do ser humano.

Portanto, concerne ao ser humano assumir a autoria de sua vida, frente a condenação à liberdade em um mundo já concebido. Hodiernamente a sociedade globalizada imprime ao indivíduo, exorbitantemente, vários estilos de vida e escolhas que gradativamente estão perdendo suas tradições e se tornando algo volátil, fomentando assim a individualização da sociedade. Somente o próprio indivíduo tem consciência de seus gostos, particularidades e desejos, em que o sentido da vida é correspondente a subjetividade que cada homem carrega em si, sendo uma busca particular, que apenas ele próprio pode suprir essa ausência de sentido. Afinal, "O importante não é o que fazemos de nós, mas o que nós fazemos daquilo que fazem de nós." (SARTRE, 1905-1980), sendo a vida feita de escolhas e cabe ao ser humano assumir total responsabilidade pelos caminhos que decide seguir, em que somos livres para pensar e conceber nossos próprios paradigmas, não sendo então aquilo que fizeram de nós e sim nos criando a partir do que fizeram de nós, somos o que escolhemos ser. Em uma sociedade cada vez mais individualista e fluída, assumir a autoria de nossas vidas é libertador, na medida que somos nós os criadores da nossa realidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed.;2002.

SARTRE, J. P. **Entre Quatro Paredes**. Peça em um ato. Tradução e notas de Guilherme de Almeida. Editor Victor Civita. Abril S.A. Cultural Industrial, São Paulo, 1ª edição – março de 1977.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.